



CARISMA FONDACIONAL E RELAÇÃO COM OS LEIGOS

p. Giuseppe Rainone

1.- A que leigos nos referimos?

Aos leigos conscientes da sua vocação cristã nas suas três dimensões: espiritualidade, missão e comunhão.

Leigos que se sentem chamados a seguir um carisma fundacional que inicialmente se encarnou numa forma de vida religiosa.

Hoje, para nós, Josefinos, estes leigos tornaram-se "um desafio", no sentido de "uma tarefa difícil com a qual devemos confrontar-nos com determinação".

Os cristãos leigos comprometidos estão pressionando por uma renovação ou refundação da vida religiosa. Esta é a grande novidade que devemos reconhecer e acolher.

2.- Os leigos pedem comprometer-se com o carisma de fundação

Na história recente, têm sido desenvolvidas e concretizadas diversas formas que promovam o protagonismo dos leigos. Graças, sobretudo ao Vaticano II e os documentos da Igreja (como *Christifideles laici*, 1988), os leigos comprometidos têm experimentado um forte impulso e começaram a sentirem-se protagonistas da vida e na missão da Igreja. Ao mesmo tempo, a crescente diminuição dos membros efetivos da vida religiosa tem levado ao surgimento de uma grande demanda, por parte dos leigos, para ajudar a manutenção das obras apostólicas e sociais dos religiosos, cada vez maiores e difíceis de gerir. Na verdade, muitos leigos se encontraram em contato com o carisma fundacional da vida religiosa.

Nos últimos anos, a compreensão do compromisso destes leigos e sua relação com a vida religiosa, que os acolhe, passou por diferentes fases que não são excludentes, senão abertas à busca e à liberdade pessoal: de ser considerados "empregados" a serem vistos como "colaboradores"; sentir um chamado a viver uma mesma espiritualidade, compartilhar uma mesma missão e serem coerdeiros do mesmo carisma; ser conscientes de uma vocação carismática comum e das diferentes vocações específicas dentro de uma mesma família carismática; passar de "compartilhar o espaço na tenda" (vida religiosa) a "criar juntos, religiosos e leigos, uma nova tenda".

São leigos que têm sido atraídos pelos religiosos e por seu projeto de vida, que descobriram o carisma, sua espiritualidade e sua missão, e depois de vários momentos de formação e discernimento, decidiram se comprometer com o mesmo projeto carismático. Alguns deles - uma minoria que está crescendo - também se sentem chamados, como os religiosos, a ser coração, memória e garantia do carisma. São leigos que procuram desenvolver

o carisma para o futuro e não apenas colaborar com a missão durante um tempo determinado. Destes leigos já existem muitos exemplos em todos os cantos do mundo josefino. O que acontece, é que às vezes, nós, josefinos, não sabemos as maravilhas que Deus está fazendo crescer ao nosso redor e seguimos acreditando que o futuro do carisma depende unicamente de nós.

3.- Por caminhos inéditos de esperança e de futuro

Nos falta, todavia, muito que viver e refletir sobre a experiência da relação entre religiosos e leigos, sem dúvida já estão produzindo alguns documentos e orientações muito interessantes. Focalizamos nossa atenção em algumas mensagens recentes de nossa congregação que estão focadas em:

1.- a visão confiante e aberta ao compromisso de "**construir em torno de uma comunidade josefina uma "comunidade muraldina"** e a expressar a relação entre religiosos e leigos é uma paixão compartilhada para o carisma de Murialdo... Neste contexto, são muito significativos os projetos de formação para os nossos leigos, que serão ainda mais importantes e eficazes se preveem a possibilidade de uma formação recíproca entre leigos e religiosos. (cf.: L.C. 04 del 2-02-2007, *Os grandes sonhos fazem partir as caravanas*)

2.- o convite a reconhecer o horizonte da relação entre leigos e religiosos "no contexto da **eclesiologia de comunhão**, que funda a **comunhão de vocações...**"

É o **carisma** o coração da experiência: é a semente da qual nasceu a árvore, é o "sangue" que funda o "vínculo espiritual" que une a todos aqueles que em diferentes formas participam do mesmo dom... O compartilhar entre todos o carisma da plenitude e dilata a realidade carismática, enriquecendo a experiência muraldina com especificidade laical e integrando-a com a realidade de consagradas e consagrados". (cf.: *Road Map FdM* de 2008, n.º 2-3)

3.- o impulso para a renovação de "todas as nossas comunidades", alimentado pela importância "de estudo e do compartilhar em comunidade dos documentos da congregação sobre FdM" (Los Angeles, CI08, n.11) e da responsabilidade primordial dos diretores sobre o caminho "que está sendo desenvolvido na obra entre leigos e religiosos especialmente, para formação recíproca, para o espiritual e em sintonia com as iniciativas da província e da congregação" (ibid., n. 12). (Cf.: LC08 de 22/08/08: *Novas formas de fraternidade entre religiosos e leigos*)

4.- A necessidade de uma mudança de mentalidade na consciência de nossa missão: "o protagonismo do indivíduo para a comunidade educativa, em que o josefino sente-se particularmente chamado a manter vivo o carisma" (*Sigüenza*, CI09, n. 7)... São importantes as coisas que conseguimos fazer em conjunto com os leigos, não estão sós; responsabilizando e motivando àqueles que continuarão além de nós e ainda sem nós: só assim poderemos dar futuro ao bem que fazemos. A maior responsabilidade é mais nossa, é "manter vivo o carisma" e "ter uma atenção especial pela formação espiritual, apostólica e profissional dos leigos, em particular daqueles mais próximos, comprometidos e com cargos de responsabilidade". (ibid., n. 11). (cf.: LC 12 de 01.07.09, *Encontremo-nos com alegria no serviço aos últimos*)

4 - Interpretar o sonho dos leigos

É o suficiente acolhê-los e escutar, pelo menos, algumas vozes daqueles que mais nos conhecem e compartilham nossos espaços e lugares de vida.

- "A comunidade que eu conheci é uma boa combinação de Josefinos e leigos, pelo que eu vivi, o leigo que tem sorte de fazer uma experiência duradoura é sortudo porque não é um hóspede bem recebido, mas parte integrante da mesma comunidade. Ele faz parte de toda a vida da comunidade e está bem integrado... Isso é realmente significativo"- (*Elena*, Milán)

- "Vivi um ano na comunidade josefina como voluntária e sem dúvida, o compartilhar caracterizou minha experiência... A convivência entre leigos e religiosos, não diminui a eficácia da missão, mas aumenta sua eficiência, agregando valor e permitindo a todos que não só recebam os benefícios espirituais e materiais, mas, também, que eles podem oferecer. (*Enza*, Cooperação Internacional)

- Naquela comunidade josefina "me senti em família. Os afetos que se criam, na minha opinião, frutos da convivência, levam-me à experiência de vida em família. Vejo-o no tempo. Às vezes, as amizades mudam com o tempo, o afeto pela própria família, ao invés, não muda com o tempo nem com a escassa frequência dos encontros. Isto acontece para mim cada vez que eu retorno. Talvez, este seja o profundo sentido de comunidade?" (*Federico* - E.N.Gi.M. ONGs)

- Conhecendo, pois, a vida de vossa comunidade, tive a oportunidade de experimentar a beleza que vem do partilhar, aquele "físico" (uma casa para viver, uma mesa para comer, um lugar dedicado à oração, uma partilha de carro e todos os pequenos problemas práticos da vida cotidiana) e o "espiritual" (rezar, meditar, ler, trocar ideias, discutir, criar projetos)... "Acredito que no carisma de Murialdo a comunhão entre leigos e religiosos pode ser algo que enriquece a ambos, deixando sempre aberto o olhar sobre o mundo e provavelmente, facilitando, também, a coerência nas obras que surgem deste carisma". (*Laura*, voluntária de Parma)

5 - Crescer juntos em direção ao futuro

A.- Viver e promover a eclesiologia de comunhão

O primeiro elemento que nós, josefinos, devemos ter em mente, segue sendo o de superar certas tendências exclusivas, de desconfiança e de medo em relação aos leigos que estão ao nosso lado. Parece que o que mais nos interessa é o distinguir, especificar, diferenciar; em vez de fazer mais significativo o que nos une e enriquece mutuamente. Fala-se muito de "comunhão", mas na vida concreta vamos por um caminho muito diferente.

Portanto, é necessário insistir sobre o que significa viver em uma Igreja Comunhão; favorecer experiências e estruturas que sejam um sinal de uma comunhão que existe para a missão. Os leigos reclamam que nós, religiosos, atuemos como "especialistas em comunhão."

Teremos que construir comunidades autênticas, onde se compartilha a fé, a vocação, as relações interpessoais, a missão, a formação. Comunidades abertas, sensíveis, acolhedoras, próximas aos leigos, jovens e pobres. Comunidades de religiosos, de leigos, religiosos e leigos, intercongregacionais, internacionais...

Devem-se animar, em todas as obras apostólicas, espaços de encontro, de escuta e de mútuo conhecimento, de partilha, de diálogo, de busca de consenso, de atenção às necessidades pessoais, de voluntariado...

Devem-se formar a uma maior corresponsabilidade na missão, sabendo que isso exige uma formação adequada, acompanhamento, discernimento, participação e reconhecimento institucional.

B.- Reatualizar as raízes carismáticas da vida religiosa

Na atualidade somos capazes de diferenciar como josefinos o "carisma fundacional", aberto a todas as formas de vida eclesial, desse mesmo carisma "encarnado" na forma específica de vida religiosa. Ter isso presente dará espaço aos leigos para um particular modo de compartilhar o carisma e ajudaria aos religiosos a centrar o "carisma fundacional" no que é mais próprio da vida religiosa.

Isso nos permite voltar ao que é mais específico e fundamental na vida religiosa: a radicalidade evangélica na fidelidade aos nossos votos de castidade, pobreza e obediência, vividos na comunidade a serviço da missão carismática. A radicalidade de nossos compromissos deve ser significativa (visível para o resto da Igreja e da sociedade), de modo que nos leve a todos a questionar-se sobre estes valores evangélicos fundamentais e aproximar-se deles.

E, além disso, nos permite descobrir e priorizar nosso verdadeiro lugar na missão carismática. A corresponsabilidade de muitos leigos no carisma e sua colaboração nos compromissos de animação e de governo de muitas de nossas obras, nos deveriam permitir dedicar mais tempo a descobrir e exercitar nosso verdadeiro lugar na missão e sua realização nos empenhos apostólicos. O diálogo com os leigos é imprescindível para atualizar nossa vivência carismática da vida religiosa. Nós, josefinos, não podemos cair em um monólogo que não nos permita aprofundar o nosso carisma específico.

C.- Para ajudar a gerar experiências novas receitas e partilha de "família carismática"

Finalmente, olhando ao nosso redor, tem-se a forte impressão de que estamos invertendo mais energia para manter o que temos e somos (instituição), que na busca, segundo uma fidelidade criativa, de novos caminhos para encarnar o carisma, hoje. Devemos ser conscientes de que o modelo institucional da vida religiosa já deu o que podia dar e agradecer àqueles que tornaram possível que o carisma chegara até o dia de hoje; mas agora o carisma exige "novidade" na forma de vivê-lo e devemos sabê-lo encarnar nas novas situações que o mundo apresenta.

Os leigos podem ajudar-nos muito neste sentido: pela sua experiência de vida e porque não estão tão ligados como nós a nossa "mãe" instituição. Caminhar juntos, religiosos e leigos, na vivência do mesmo carisma fundacional, envolve atitudes de confiança, de corresponsabilidade e serviço, de reconhecer-nos todos como aprendizes na vida, de sentir-nos família para além das diferenças e conflitos. Apostar sempre pela comunhão.

Desde muito tempo, temos ao nosso lado, o leigo associado, colaboradores, voluntários a serviço da mesma missão. Isso é positivo e deve continuar. Alguns, inclusive, se sentem chamados a ir mais longe e estabelecer com os religiosos uma estrutura eclesial "nova".

Só pedem reconhecimento, confiança e apoio, já que "a realidade parece indicar que não só temos necessidade de ampliar a tenda do instituto, mas, também, de construir juntos, uma tenda nova, onde todos, leigos e religiosos, encontrem seu lugar".

PARA A REFLEXÃO PESSOAL E COMUNITÁRIA:

1.- Você se preocupa com a relação com os leigos num plano de "igualdade" para chegar a uma verdadeira comunhão na Igreja?

2.- Que medidas estão sendo colocadas em prática na comunidade para favorecer a partilha do carisma com os leigos? O que falta ainda?

3.- Você pode se concentrar nas dificuldades e desafios da relação leigos/ religiosos, e como a congregação está respondendo a esta situação?